

RESENHA

Paulo Freire
PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes necessários
à prática educativa, na visão de Paulo Freire

Quéteri Figueiredo Paiva *
Nathalia Cortes do Espírito Santo Santos **
Priscilla Côrrea Alves **

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i3n7.1039-1047>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996. [Coleção Leitura]

COMPREENDER A PRÁTICA DOCENTE ENQUANTO DIMENSÃO SOCIAL DA FORMAÇÃO HUMANA

*Sou professor a favor da luta constante
contra qualquer forma de discriminação,
contra a dominação econômica dos indivíduos
ou das classes sociais.
Paulo Freire*

Comemoramos em 2021 o Centenário de Paulo Freire, nascido em 19 de setembro de 1921, em Recife, Pernambuco. O crivo do tempo tem evidenciado que sua obra continua atual e potente, e que o educador pernambucano é, de fato e de direito, o Patrono da Educação Brasileira, um título que causa a ojeriza daqueles que se opõem não somente à democratização da escola pública e a universalização do direito à educação, mas a seu potencial transformador e libertário. *Pedagogia da Autonomia* foi o último livro que publicou em vida, em 1996, meses antes de sua passagem, em 2 de maio de 1997. Permanece atual e mais do nunca necessário.

Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa

Paulo Freire aborda, de forma simples e elucidativa, a prática educativa no cotidiano da sala de aula e fora dela, devendo-se levar em conta, que os procedimentos abordados no livro, podem e devem ser aplicados, desde o Ensino Fundamental à Pós-graduação. Discorre sobre o desenvolvimento da formação docente e o que constitui o universo educacional, mantendo sempre uma visão crítica e democrática.

O livro *Pedagogia da Autonomia* é apresentado em três capítulos: *Não há docência sem discência*; *Ensinar não é transferir conhecimento*; e *Ensinar é uma especificidade humana*. Cada capítulo tem 9 itens, ou diríamos lições sobre os saberes exigidos para quem desejar ensinar com autonomia. Como Edina Castro de Oliveira explicita no *Prefácio* da obra, Freire nos ajuda a entender a importância do “saber-fazer da auto reflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitados permanentemente”, que permitem que realizemos a leitura crítica da realidade (FREIRE, 1996, p.12).

As questões refletidas na obra são essenciais para a reflexão dos educadores sobre a sua atuação e prática. Freire, nesta obra, destaca a relevância da pesquisa, o respeito aos saberes dos educandos, a criticidade, a ética/ estética, a corporeificação por meio de exemplos, a rejeição a qualquer forma de discriminação, o reconhecimento da identidade cultural, o querer bem aos educandos, o ter alegria/esperança, o ter liberdade/autoridade, a curiosidade e a consciência do inacabamento que deve ser a essência da educação.

Nas *Primeiras Palavras*, o autor destaca que a autonomia a que se refere é a autonomia do ser do professor e, especialmente, dos educandos, e que esta é uma questão fundamental para a formação dos professores. Paulo Freire no lembra que a História é um tempo de possibilidades, e, portanto, de esperança de um futuro a construir.

Principalmente, neste momento, de desvalorização do trabalho do professor em todos os níveis de ensino, ler e reler Paulo Freire amplia as possibilidades de intervenção propositiva frente a realidade da sala de aula, da instituição escolar e da sociedade. A obra *Pedagogia da Autonomia* apresenta elementos importantes para compreensão da prática docente enquanto dimensão social da formação humana, trazendo saberes fundamentais à prática docente.

Ler este livro potencializa uma série de reflexões acerca das experiências docentes na educação e o papel do professor no processo político de transformação social. O pensamento de Paulo Freire continua vivo e potente, iluminando caminhos, abrindo possibilidades, humanizando a educação. Em tempos de ataques reacionários, impetrados, hoje, contra a educação, a ciência, o magistério e contra o legado de Paulo Freire, patrono da educação brasileira, cabe aos educadores reafirmar a atualidade da sua obra e de seu pensamento. Paulo Freire presente!

Capítulo I: NÃO HÁ DOCÊNCIA SEM DISCÊNCIA

Paulo Freire inicia o primeiro capítulo considerando que embora seja o interesse central dele considerar os textos apresentadas indispensáveis à prática docente de professores e

professoras críticos e progressistas, apresenta que é necessário também aos profissionais conservadores. O autor defende que, apesar das diferentes posturas e perspectivas dos profissionais, alguns valores são fundamentais a todos, sejam progressistas ou conservadores, a saber: a teoria e a prática precisam ser dosadas de modo a acolher as expectativas e conhecimentos dos alunos, os estudantes precisam ser estimulados a produzir conhecimento, ou seja, reconhecer que ensinar é aprender e que aprender é ensinar em uma simbiose que rompe com a “educação bancária”.

Na construção e troca de saberes, o conflito e as tensões decorrentes das interações sociais, devem ser instrumentos essenciais para a prática pedagógica. Assim, a realidade do educando, o seu conhecimento prévio e de mundo, são motores móveis para a organização dos conteúdos programáticos, que por sua vez, necessitam de discussão quanto a sua importância, no contexto no qual o aluno se insere e precisará dele, no momento específico, dentro e fora da escola. Os conflitos servem também de provocação para que os alunos se assumam como sujeitos sócio-históricos, co-condutores de sua própria formação. Afinal, é preciso aprender a ser coerente, pois de nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável às mudanças.

No que diz respeito ao desenvolvimento afetivo inerente a relação entre professor e educando, Freire (1996) define ser uma relação frequente e contínua alicerçada no diálogo entre três pilares essenciais, sendo eles: competência, autoridade e amorosidade. Diante do entendimento da incompletude do ser, essa triangulação relaciona-se de modo subjacente à sua necessidade de atualização a fim de constituir uma nova realidade. Nesse sentido, na ausência de abertura e aceitação ao novo, a competência torna-se, na prática, uma ação esvaziada em seu significado.

O fazer pedagógico constitui-se também na concepção do saber a partir de uma relação de troca, na ruptura de um processo hierarquizado que coloca o professor como detentor do saber e o aluno no lugar de um Ser desprovido de conhecimento e passivo no processo de ensino/aprendizagem. Diante disso, podemos entender que é essencial para o professor progressista construir essa relação de troca de saberes de forma afetiva, de modo a constituir um ambiente agradável, que favoreça o processo mútuo na construção do ensino/aprendizagem.

Freire destaca que a reflexão sobre a prática poderá proporcionar ao educando uma autonomia, afirmando que formar não é treinar, mas desenvolver o discente no desempenho de suas destrezas. Neste sentido, o autor faz severas críticas ao neoliberalismo, que tem a ideologia de subordinar a função da educação de forma a responder apenas às demandas do capital. Exprime a sua irritação contra as injustiças sociais, que traz tantas discrepâncias entre as classes sociais, confirmando perversas desigualdades.

A formação dos professores é de fundamental importância para o processo de reflexão sobre a prática que permite formar cidadãos reflexivos e atuantes na sociedade. Para se ter esse processo a criticidade e o exercício da cidadania tem que caminhar juntos, sendo

a ética um aspecto primordial para construção e obtenção do conhecimento emancipador. Freire destaca que se refere à ética universal do ser humano e não à ética de mercado, que, deve ser impugnada.

Nesse sentido, dosar teoria e prática significaria unir a sólida formação teórica e metodológica de professores, que nutridos de otimismo, esperança e compromisso com a mudança, trabalhariam conteúdos em conexão com a realidade dos estudantes, demonstrando sua aplicabilidade e provocando a curiosidade da classe, alinhada à sensibilidade em relação ao contexto cultural local. Já o estímulo à produção de conhecimento próprio é a prática de tornar os estudantes sujeitos do saber, fazendo-os observar criticamente sua realidade de uma perspectiva ativa e com potencial de mudança, não mais como seres passivos de uma educação acrítica que apenas transmite saberes formais por meio de práticas que pouco contribuem para a redução das desigualdades sociais.

A práxis elucidada torna-se uma exigência para relação da teoria/prática, por essa razão Paulo Freire preocupa-se tanto com a formação de professores. A partir dessa discussão, suas reflexões levam o leitor a reconhecer os objetivos fundamentais para formação acadêmica, o direito de assumir-se como sujeito da produção do saber, ampliando-se da sua compreensão do momento atual, identificando as disputas e projetos diferenciados de educação. Salientar que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção e construção, levando sempre em conta o conhecimento prévio do discente, respeitando a sua vida social, cultural e política.

Freire (1996, p.24) destaca que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blablablá e a prática, ativismo”. Sendo essencial termos a prudência com a formação dos professores, e as universidades estarem articuladas com as questões da escola pública, principalmente com a nova política educacional. Nesse sentido, atualizando o cenário, destacamos que o momento em que vivenciamos a implantação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) nos currículos da educação básica exige formas de resistência propositiva ao desmonte proposto. Ao longo do capítulo – subdividido em 9 itens –, Paulo Freire apresenta saberes necessários à prática pedagógica, pois ensinar exige: rigorosidade metódica; respeito aos saberes dos educandos; criticidade; estética e ética; corporificação das palavras pelo exemplo; risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação; reflexão crítica sobre prática; e o reconhecimento e assunção da identidade cultural.

O processo de construção do conhecimento na busca de uma educação de qualidade, implica também no sentimento de “não acabamento”, de conclusão, finalização. Ao contrário, essa construção é contínua e processual e, ao abolir a simples transferência de conteúdos, abre o caminho para a educação continuada, o aprimoramento da prática docente, como a atualização dos acontecimentos das áreas do conhecimento científico; da contínua busca do novo. Freire destaca que sempre podemos ir mais além, pois somos seres conscientes do seu próprio inacabamento. Assim, a pesquisa, associada

inerentemente ao fazer pedagógico, demanda o respeito à autonomia e liberdade do educando e a abertura para o conhecimento de novas metodologias e teorias que venham desenvolver um ensino de qualidade

As forças sociais, como fator externo, influenciam na estrutura educacional de diversas maneiras. Fechar os olhos às tensões que emergem da sociedade é fechar-se e recolher-se em uma bolha, alienar-se, negando a realidade existente que precisa ser enfrentada e transformada; é não se dar conta de suas próprias limitações e condicionamentos, e, portanto, obstaculizar o processo de mudança. Tomar conhecimento das determinações sociais possibilita que os indivíduos transponham suas limitações e, coletivamente, se engajem na luta pela transformação social.

Paulo Freire destaca que podemos intervir no mundo, através da educação. Essa compreensão deve estar presente na prática educativa de maneira crítica, trazendo debates a respeito de questões importantes que permitam aos estudantes a reflexão para poder se posicionar na sociedade. Afirmando, que o processo educativo também é pleno de contradições, mas pela dialética podemos superar as limitações e condicionantes, em perspectiva libertadora. Em determinados momentos do tempo e do espaço, vemos o predomínio de um desses fatores sobre os demais, cabendo o qual cabe ao setor educacional intervir nas ações que considera de relevância para a sociedade, como um todo. Conclui ser necessário um pouco de radicalidade e estarmos atentos à advertência de Marx quanto a esse aspecto, pois tudo o que diz respeito à defesa dos direitos humanos é fundamental para uma nova sociedade mais igualitária.

Capítulo II: ENSINAR NÃO É TRANSFERIR CONHECIMENTO

Infelizmente as práticas educativas ainda vão na contramão de tudo que representa o pensamento de Paulo Freire. Ainda temos que romper muitas barreiras de um sistema educacional frio e encaixotado no qual o aluno precisa estar quieto, sentado, em silêncio e como isso violenta os alunos e os docentes que não se adequam a esse modelo. Pois, muitos entendem que o “bom professor” é aquele que tem “domínio de turma”, expressão que está associada a conseguir domar, domesticar e silenciar os alunos.

Na segunda parte do livro, chamada Pedagogia da Autonomia: “Ensinar não é transferir conhecimento”, o objetivo é mostrar que um docente não transfere seus conhecimentos aos alunos. Na verdade, o docente abre novas possibilidades para a construção própria e a do indivíduo. Sendo assim, deve estar aberto a indagações, perguntas e críticas. O capítulo, como demais, está subdividido em 9 sessões: Ensinar exige consciência do inacabamento; o reconhecimento de ser condicionado; respeito à autonomia do ser do educando; bom senso; exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores; exige apreensão da realidade; alegria e esperança; convicção e que a mudança é possível e exige curiosidade.

A organização deste capítulo parte do princípio de humanização das relações entre professor e educando sobre a prática de ensinar em uma visão progressista e construtivista

na formação educacional. O autor defende a ideia de que “Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades ao aluno para sua própria construção” (Op. cit., p. 52), assim aponta a necessidade de uma formação que instigue o aluno a indagações e desenvolva a criticidade. Dessa forma, aponta, a necessidade de o conhecimento teórico estar associado às questões práticas e concretas, a teoria deve ter materialidade nesse processo em que o aluno não é um ser passivo receptor de conteúdos ensinados, mas que estará ativo no processo de construção de seus próprios pensamentos e participem desse processo ensino/aprendizagem.

Ele afirma que onde há vida, há inacabamento. Aponta a importância de termos consciência de que somos seres inacabados, e que isso é necessário para fomentar a pesquisa e a busca, promover o desenvolvimento do pensamento crítico e a construção de caminhos. Deste modo rompe com o determinismo e fortalece o fazer o próprio caminho, de modo a abrir horizontes e possibilidades. Para Freire, é na compreensão da inconclusão do ser que se alicerça a concepção de educação como processo contínuo e permanente.

Além disso, um ponto de extrema importância que o autor traz neste capítulo é entender que a construção pessoal não se faz sozinho, não é isenta e sofre influências sociais, hereditárias, culturais e históricas.

Versa também sobre a necessidade e importância do respeito à autonomia do educando. O respeito à autonomia e à dignidade de cada ser, sendo ele criança, jovem ou adulto, é um “imperativo ético” e aponta que a única possibilidade diante de um desvio ético não pode ser outra senão a de transgressão. Diante do exposto, pode-se afirmar que qualquer discriminação é inconcebível e combatê-la é obrigação mesmo diante do conhecimento das consequências positivas que podem se enfrentar.

A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética, pois não está apartada da atividade docente. Por isso, “Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores”.

Além disso, Freire enfatiza que é possível transformar a realidade e que para isso precisamos conhecê-la. Temos a capacidade de aprender, de modo a intervir e modificar a realidade. Por isso, o processo mecânico de memorização não caracteriza aprendizado, pois desta forma será apenas um ser passivo a transferência de conteúdo e não um sujeito crítico, que constrói o conhecimento, participa de sua construção sendo, deste modo, incapaz de conhecer e transformar a realidade.

Por fim, expõe-se a ideia de que ensinar exige crença na possibilidade da mudança. O “saber da História como possibilidade, e não como determinação” mostra a capacidade de transformação, mesmo que difícil sempre há possibilidade (Op. cit., p.85).

A construção do conhecimento está ligada ao exercício da curiosidade. A postura do professor e dos alunos é “dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada” (Op. cit., p. 96). Assim, é importante que professor e alunos se assumam curiosos, sem

hierarquizações e com horizontalidade construam em um processo mútuo o processo de ensino-aprendizagem.

Capítulo III: ENSINAR É UMA ESPECIFICIDADE HUMANA

No terceiro capítulo, Paulo Freire demonstra algumas exigências inerentes à prática docente, apontando 9 saberes: Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade; comprometimento; exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo; liberdade e autoridade; tomada consciente de decisões; saber escutar; reconhecer que a educação é ideológica; disponibilidade para o diálogo; e, por fim, exige querer bem aos educandos.

Freire, relata que o professor precisa revelar uma autoridade democrática, enfatizando a relevância do conhecimento como ruptura da ignorância, demonstrando segurança no ato de ensinar, chegando assim à "competência profissional".

Paulo Freire é um educador brilhante, em seu legado observamos relatos da própria prática, para ele os professores precisam levar a sério a própria formação. Que o autoritarismo mandatário de alguns profissionais, tolhe a capacidade criadora do educando, já o autoritarismo democrático exercita a liberdade, e este tem como função a transformação social do educando. Porém, para que de fato ocorra é preciso extirpar a ignorância, sendo assim, o professor precisa superar a sua, antes de ensinar o seu aluno. "Como professor não me é possível ajudar o educando a superar a sua própria ignorância, se não supero permanentemente a minha. Não posso ensinar o que não sei". (Op. cit., p.107)

O autor apresenta que a prática educativa exige muita responsabilidade, e dignidade em todas as esferas administrativas. O comprometimento com a prática educativa é um dos pontos chaves do capítulo, e assim as atitudes do professor precisam estar de acordo com o que ele realmente pensa e faz e a sua maneira de ser politicamente. Desse modo, ele não pode mentir para seu aluno, não pode ser neutro e muito menos passar despercebido, para que mais espaços democráticos de aprendizagem se abram no contexto escolar.

Nesse capítulo ele utiliza o termo "boniteza" referindo a pedagogia da autonomia como forma de auxiliar no desenvolvimento dos indivíduos que ao serem estimuladas por fatores do dia a dia, consigam analisar criticamente a situação e formular conceitos com base nas suas experiências e conhecimentos adquiridos, logo a diversidade de ideias geradas por várias pessoas pode levar a uma solução para determinado problema social encontrado, e não somente instigar o individualismo e a competitividade na sociedade.

O livro *Pedagogia da Autonomia* remete a situação atual vivenciada no Brasil, demonstrando que a educação é uma luta constante e que "a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação" (Op. cit., p. 110), e a educação em momento nenhum pode ser neutra ela deve ser vista como uma forma de "intervenção no mundo".

Como Freire (1996, p. 115) reafirma "Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais".

Algumas considerações

Evidentemente o livro *Pedagogia da Autonomia* ressalta vários pontos importantíssimos para o fazer docente – saberes essenciais a uma prática pedagógica emancipadora comprometida com o aprendizado e com a formação de uma consciência crítica. Esclarecendo as práticas do dia a dia dos educadores e educandos buscando uma pedagogia fundada na ética, na dignidade e no respeito, visando a autonomia do educando e na práxis do educador.

Paulo Freire nos apresenta elementos que auxiliam a compreender melhor a práxis docente enquanto formadora de consciência crítica, alertando contra as ideologias neoliberais dominantes que só estimulam o individualismo e a competitividade.

Assim, no contexto atual, a leitura do livro, faz com que percebamos o desafio da educação e transformação social que é estimular, nas circunstâncias mais diferentes, a capacidade de intervenção e transformação na perspectiva social de emancipação humana contemplando a diversidade cultural. Que a escola deve ser fundamentalmente lugar de reflexão para construção de autonomia. Não pode ser lugar de dogmas, nem de consolidação de uma pseudo cidadania, no qual os alunos pouco podem questionar sobre a dinâmica da vida e da sociedade e nem os professores têm a autonomia de, conhecendo o contexto de seus alunos, explorar os assuntos que são caros aos mesmos.

Na contramão do desenvolvimento crítico e autônomo dos alunos nos deparamos com a BNCC, que visa um currículo único, sem levar em consideração as especificidades daqueles que estão à margem da sociedade, ou seja, de acordo com Paulo Freire, a educação está sendo modelada pela sociedade segundo os interesses dos que detêm o poder, e sozinha não vai instruir uma sociedade emancipada.

Daí a necessidade em definir objetivamente o direcionamento do olhar sobre uma leitura de sociedade e de concepções de educação, acreditamos que é necessário compreender a relação entre a natureza política do processo educativo e o caráter educativo do ato político, diante da impossibilidade de dissociar esses processos.

Sendo assim, entendemos a partir do pensamento freiriano, tendo em vista a não neutralidade nos processos educacionais, embora “a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação” (Op. cit., p. 98) ela própria constitui as concepções e valores ideológicos contidos na educação, portanto, os processos educativos não podem jamais se tornarem neutros.

Diante dessas reflexões sobre “a pedagogia da autonomia”, fica-nos claro que a educação precisa buscar uma saída teórico-prática que responda aos desafios e às possibilidades postas pelas novas configurações humano-sociais, assegurando, ao mesmo tempo, a identidade de cada sujeito envolvido resultante de sua intervenção, e que para isso

precisamos além de perceber a boniteza como forma de auxiliar os indivíduos em busca da própria autonomia, resistirmos a questões que aumentam as desigualdades.

Recebido em: 16 dez. 2021.
Aprovado em: 21 dez. 2021.

* **Quéteri Figueiredo Paiva** é licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professora de Educação Infantil e Orientadora Pedagógica da SME de Resende/RJ. Mestranda do Programa de Pós-graduação de Ensino em Educação Básica PPGEB CAP-UERJ. Pós-graduada em Gestão do Trabalho Pedagógico: Supervisão e Orientação Escolar pela UNINTER Grupo Educacional, em Gestão Escolar Integrada e Práticas Pedagógicas pela Universidade Cândido Mendes, Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade de Educação São Luiz e em Neuropsicopedagogia pela Universidade Batista de Minas Gerais – IPEMIG. É membro do GRUPEFOR/UERJ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação de Professores, Democracia e Direito à educação.

E-mail: queterifp@hotmail.com

** **Nathalia Cortes do Espírito Santo Santos** é professora da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro, licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Especialista em Educação Infantil pela UFRRJ e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É membro do GRUPEFOR/UERJ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação de Professores, Democracia e Direito à educação.

E-mail: cortesnathalia@gmail.com

Priscilla Côrrea Alves é professora de Artes das Redes Municipal e Estadual do Rio de Janeiro, Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), com especialização em Políticas Públicas e Projetos Socioculturais em Espaços Escolares pela UFRJ/CESPEB – Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica, é licenciada em Artes Visuais pela Universidade Metodista Bennett. É membro do GRUPEFOR/UERJ - Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais, Formação de Professores, Democracia e Direito à educação.

E-mail: calves.pris@gmail.com
